

## O GRITO ABENÇOADO DA PERIFERIA: TRAJETÓRIAS E CONTRADIÇÕES DO IAJES E DOS MOVIMENTOS POPULARES NA ANDRADINA DOS ANOS 1980\*

*Mariana Esteves de Oliveira<sup>1</sup>*

A pesquisa intitulada “*O grito abençoado da periferia*” teve como objeto os movimentos populares orientados pela Teologia da Libertação nos anos 1980 na região de Andradina, SP. Especificamente, foram discutidas as ações de grupos combativos organizados por uma instituição eclesial progressista que atuou na cidade e região a partir dos anos 1970: o Iajes (Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor). A entidade fora responsável pela execução de centenas de projetos que, de início, visavam à melhoria das condições de existência de milhares de homens e mulheres na periferia da cidade. O grande entrosamento entre os setores populares e a instituição gerou, no entanto, o crescimento desta, criando uma complexa rede regional de experiências ricas e contraditórias, que oscilaram entre o conformismo e a resistência, entre a institucionalização e o improvisado, entre a reflexão e a ação.

Na busca pelo desvelar dessas histórias, muni-me de um aparato teórico-metodológico que desse conta de fazer ouvir as vozes dos sujeitos comuns. Este alicerce, que procurei descrever brevemente na introdução do texto de dissertação, resume-se a uma reflexão acerca da postura e do olhar que eu aplicaria em relação aos sujeitos e às fontes que eles legaram. São contribuições das renovadas *História Social Marxista* e *História Política*, que me emprestaram o respeito aos sujeitos comuns e devolveram a atuação e consciência

---

\* Resumo recebido em 26/09/2006 e aprovado 24/10/2006.

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá, com a dissertação “O grito abençoado da periferia: trajetórias e contradições do Iajes e dos movimentos populares na Andradina dos anos 1980”, defendida em 2006, sob orientação do Prof. Dr Sidnei J. Munhoz.

histórica a esses homens e mulheres em detrimento das determinações estruturais. A partir daí, entendi também que não seria possível perceber a ação dos sujeitos estudados se não os concebesse como sujeitos históricos contextualizados no tempo e no espaço. Outrossim, teci a primeira parte do texto de dissertação com dois capítulos contextualizadores. No primeiro, tracei um esboço político, social e cultural acerca da América Latina a partir dos golpes militares que assolaram o Continente no pós-1960 e me deparei com a realidade dialética daqueles tempos. Toda a opressão política e econômica que se instalou no Continente, quase que simultaneamente, pôde ser contrastada com as mais diversas formas de resistência. Os movimentos estudantis, sindicais, de guerrilha e artístico-culturais revelaram o potencial das novas lutas que emergiam à medida que os autoritarismos recrudesciam. No entanto, dentro das perspectivas de resistência latino-americana dos anos 1960 e 1970, a que mais interessava à pesquisa sobre o Iajes estava relacionada com os rumos do catolicismo no Continente. Trata-se da *Teologia da Libertação*, uma corrente católica progressista que ganhou força na América Latina a partir da encíclica *Mater et Magistra*, de 1961, e do *Concílio do Vaticano II*, de 1962 a 1965, que iriam permear todo o contexto cultural e ideológico dos movimentos populares estudados.

Preocupada ainda em entender as relações históricas que envolvem o processo de emergência desses sujeitos em luta, busquei desvendar suas origens, suas histórias e trajetórias. Mergulhei na aurora andradinense e nela teci o segundo capítulo da dissertação. Foi preciso burlar uma historiografia tradicionalista que enaltecia as figuras de pioneiros para conseguir desvelar as lutas dos índios Kaingang "paulistas" contra a febre da *Marcha para o Oeste*, nos anos 1920 e 1930. Foi preciso criticar a formação econômica da região para compreender que era nos ciclos de arrendamentos e formação das pastagens que se dava a expulsão dos trabalhadores "nortistas" do campo, atraídos anos antes pelas possibilidades de acesso a uma terra posteriormente conhecida como "Terra do Rei do Gado". Esses processos respondiam às minhas inquietações quanto à formação dos bairros de periferia que deram origem ao Iajes, mas respondiam ainda mais quando elas questionavam o caráter combativo desses sujeitos. A

expulsão daqueles homens e mulheres da zona rural de Andradina estava repleta de histórias de lutas e resistências, como o caso da *Luta dos Posseiros da Fazenda Primavera*, por mim descrita como o conflito que promoveu o encontro entre o povo oprimido e a Igreja progressista e cujo resultado foi o sucesso da desapropriação da fazenda, em 1980. Esse encontro seria determinante na tessitura das relações que levaram os homens e mulheres da periferia de Andradina a lutar, junto com a Igreja progressista, por uma vida melhor, menos árida e excludente.

Descortinar o Iajes, seus movimentos populares, seus intelectuais, seus sujeitos comuns, seu cotidiano, suas lutas, trajetórias e contradições só foi possível a partir de um profundo recorte nas fontes legadas pelo Instituto. Assim, dentre os milhares de tipos e suportes documentais, foram escolhidos cerca de 80 documentos produzidos pela própria entidade, entre relatórios de atividades semestrais, projetos, cartas, convites e cadernos de formação, que somaram mais de 800 páginas. As informações neles contidos revelaram que a formação do instituto se pautara na participação ativa do povo da periferia, e todo o crescimento que levou o Iajes a atuar não apenas no bairro em que nasceu, mas também em toda a cidade e, posteriormente, em toda a região, fundamentava-se ainda nos anseios, nas vivências e na ação desses sujeitos. O caráter democrático e aberto que marcou o Iajes desde os primeiros tempos permeou suas atividades nos diversos campos em que atuou, seja no trabalho conjunto com as CEB's, seja na organização de grupos combativos e movimentos populares (como o de mulheres e de bairros), seja na execução de projetos de educação popular, na manutenção de trabalhos de assistencialismo e profissionalização, seja ainda na formação de núcleos de discussões políticas e partidárias, que culminaram na formação do PT local.

Mas foi também esse caráter democrático e aberto que acentuou o sentido dialético e contraditório dentro das ações e reflexões produzidas pelo Iajes. As vozes dissonantes que ecoavam em seu interior se refletiram em trajetórias que ora se revelavam progressistas, ora conservadoras. Nas suas fontes, foi possível perceber que cada ação era precedida de reuniões e discussões em que

toda a pluralidade de sujeitos poderia ser ouvida. Isso gerou uma sucessão de acertos e erros, sucessos e fracassos, problemas e superações que marcaram suas histórias com o que considere a maior característica do Iajes: ele se alimentava das contradições para crescer, para lutar, para organizar, para ser Iajes.

A superação dos problemas enfrentados no cotidiano de reflexão e ação seria, portanto, a força motriz que impulsionou o instituto a sair da sua atuação local, passar pela atuação municipal e culminar numa articulação regional, em rede. No entanto, algumas contradições se revelariam insuperáveis, sobretudo por que estavam alojadas no interior do principal campo de articulação e reflexão ao qual o Iajes se ligava: o campo religioso. No final dos anos 1980, a Igreja Católica começava a consolidar a postura neoconservadora revelada no início da década. Isso gerou um processo de asfixia no Iajes. As agências internacionais da Igreja, que viabilizavam os projetos do Iajes com o suporte material, deixaram de apoiá-lo, ocasionando grande crise financeira e instabilidade no Instituto. As ações das CEB's, das SAB's, dos Movimentos de Mulheres e da Educação Popular, alimentadas pelos recursos do Iajes, foram, pouco a pouco, perdendo seu espaço dentro de uma Igreja que agora se levantava em outras bases, fundamentada num neopentecostalismo conservador. As tentativas de auto-sustentabilidade foram desaprovadas, perseguidas, fracassadas. O encontro com os limites do campo religioso se revelou tão determinante que, *grosso modo*, levava a crer que as ações desses homens e mulheres estava determinada por estruturas intransponíveis. Foi preciso trilhar por outras trajetórias do Iajes para perceber esses sujeitos como históricos e conscientes. Mergulhei, então, no campo político.

Assim, a última parte da dissertação se preocupava em compreender como os limites e as contradições dos campos em que o Iajes atuou determinavam, ou não, a ação dos sujeitos que estudei. Ali, foi fácil perceber que o campo político era também repleto de problemas, de estruturas que visavam à reprodução de um sistema excludente; mas também foi ali que pude reiterar a noção de sujeito histórico. Como? Primeiro, percebi que esses sujeitos estavam conscientes desses limites, apontavam os jogos da exclusão do campo,

ainda que o adentrasse por meio de um partido de trabalhadores, formado por pessoas comuns, operários, empregadas domésticas, professores, bordadeiras. Em seguida, fui levada a relativizar o fracasso eleitoral que me parecia absoluto. Apesar de não lograrem sucesso no pleito eleitoral em nenhuma das eleições desde 1982, os militantes do Iajes e do PT andradinense haviam conquistado um número de adeptos considerável em relação a outros diretórios nas cidades do Interior Paulista. Finalmente, obstinada a entender como o próprio partido havia transformado suas bases nos últimos vinte anos, formulei a hipótese de que o campo político estrangula as ações dos sujeitos, em detrimento da busca única pelo poder. Mas observei os discursos daqueles sujeitos que, nos anos 1980, lutavam por “canos de esgoto” na Vila Mineira e percebi que estavam tão entrosados com a realidade da luta que vivenciavam nos movimentos populares que aquilo não poderia ser apenas busca pelo poder, mas, sobretudo, a luta pela transformação, um caminho alternativo de resistência. Pude constatar que, apesar de muitos daqueles sujeitos não permanecerem no campo político, suas lutas e a própria saída do campo se dera de forma consciente, pautada na percepção de todas essas contradições e na ação histórica de quem opta, ou não, por manter-se numa luta árdua contra a exclusão e a opressão. Muitos saíram, não foram expulsos pelo campo. Muitos ficaram, e isso não quer dizer que foram absorvidos pelos jogos do campo, mas que optaram por fundamentar suas vidas na difícil busca pela transformação de si, do mundo e do próprio campo.

O Iajes fechou as suas portas em 1996, e isso se revelava tão definitivo e absoluto que quase não consegui perceber as continuidades, a existência de um ciclo de solidariedade que alimenta ainda as lutas semeadas em suas duas décadas de existência. Hoje vejo por aí os antigos lutadores em outros movimentos, em novas atividades de resistência, no árido cotidiano, e concluo, com a provisoriedade que a História requer, que esses sujeitos são históricos, conscientes, atuantes e, portanto, ainda estão em luta.